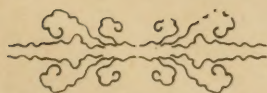
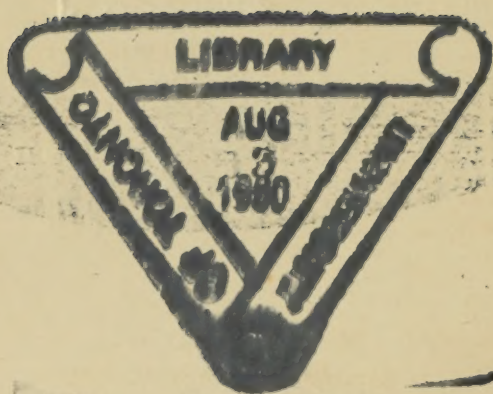
ZEFA

PEÇA EM UM ACTO

ORIGINAL DE

MAXIMILIANO DE AZEVEDO

Representada pela primeira vez no theatro de D. Maria II
a 24 de dezembro de 1907

1909
Imprensa Luso-Africana
Rua da Magdalena, 77
LISBOA

Personagens

Zefa, 15 annos	Adelina Abranches
Mariquinhas, 16 annos	Aura Abranches
Genoveva, 65 annos	Anna Pereira
André, 40 annos	Ignacio Peixoto
João Braz, 30 annos	Pinto Costa
Padre Manuel, 50 annos	Joaquim Costa
Monteiro, 35 annos	Antonio Costa
João Pereira	Araujo Pereira
1.º liberal de Lamego	Conceição Silva
2.º liberal de Lamego	Mendonça

Outubro de 1834 — N'um paul proximo de Castro Daire

ACTO UNICO

Um paul nos arredores de Castro Daire — chão rodeado de um muro de pedra secca, onde se põem a seccar os cereaes antes de irem a malhar nas eiras. — O muro, antecedido por uma berma, é no fundo e na esquerda, e tem nas duas faces uma abertura, sendo á do fundo mais larga, de modo que dê passagem a um carro; a altura orça pela da cintura de uma pessoa. — A' direita o palheiro com porta ao centro, colmado com palha de centeio. — Horisonte de ares avermelhado pelo crespuculo vespertino. — Duas ou tres pedras espalhadas pela scena podem servir de assento.

SCENA I

MONTEIRO, DEPOIS JOÃO BRAZ E ANDRÉ

MONTEIRO

(Deita a cabeça para fóra do palheiro e fica momentos espreitando. Respira longamente. Vae agachado espreitar ao muro do fundo.) Nada. *(Passa de corrida por deante da abertura do fundo, e vigia do muro da esquerda.)* Nem viv'alma...

JOÃO BRAZ

(A' porta do palheiro.) Ninguem? *(Respira desafogadamente.)* Uff!...

MONTEIRO

Ninguem... e em Lamellas parece tudo já em socego.

ANDRÉ

(Sahindo do palheiro com João Braz.) Lá dentro abafa-se. *(Vão espreitar, como fez Monteiro.)*

MONTEIRO

E o peor é que estou com fome.

JOÃO BRAZ

(Descem todos.) Dize estamos, e acertas. Já lá vão os restos da ultima b'roa.

MONTEIRO

(Sobe ao fundo.) Porque diacho não nos trazem hoje a comida?

JOÃO BRAZ

Já te disse: por môr dos malditos pedreiros livres.

MONTEIRO

Viriam de Lamego outra vez?

JOÃO BRAZ

Mais que certo. Bem ouviste aquella bulha para as bandas de Lamellas. Ficaram fulos o primeiro dia, porque não deram lá com a gente.

ANDRÉ

Excommungados! Aquillo é que foi estragar as nossas casas!

JOÃO BRAZ

Como se a gente tivesse culpa de ter andado na guerra.

ANDRÉ

Não se fez mais do que o nosso dever. Passámos frio e

fome e arriscámos a vida para defender el-rei o sr. D Miguel, e a santa religião.

João Braz

Valeu de muito!... El-rei foi por esse mar fóra e a santa religião está como d'antes, mas nós cá pagamos as favas andando a monte, escondidos nos palheiros *(Indica o palheiro)* ou pelo meio das rochas, para não ser caçados como os lobos.

André

Oh! Já estás repeso de ter servido como voluntario realista?

João Braz

Eu não, e cuido que não me portei muito mal.

André

Foste um valente, e por isso mesmo não devias dizer aquellas coisas.

João Braz

Talvez seja mentira?

André

Não!... Sabes?... A minha vontade era... *(Apontando para o palheiro.)* Para que tem a gente ali espingardas e munições? Quando os liberaes de Lamego... liberaes? agora; hontem seriam realistas dos quatro costados...

João Braz

Quando el-rei não tinha ainda desembarcado em Belem, ouvi em Lamego um sermão prégado por Frei Antonio Espadeiro. No fim bradou — dizei commigo, meus amados irmãos: «morram todos os pedreiros livres!» E o povo na egreja repetiu em côro: «morram todos os pedreiros livres!» Aposto que estava lá algum dos liberaes de hoje em dia.

André

Quando esses diabos tornarem ás nossas terras, dá-se-lhes uma lição mestra!

João Braz

Cá por mim, juro que não perco um tiro.

Monteiro

(Que tem ido espreitar ao fundo e ouviu as ultimas phrases.) E depois ?... Ainda que a gente desse cabo de meia duzia e corresse com os outros, no dia seguinte vinha por 'hi tudo o que em Lamego pudesse pegar n'uma arma, e, se não nos deitassem a unha, faziam pagar pela gente as nossas mulheres e os nossos filhos.

João Braz

E arrombavam as ultimas pipas que ainda houvesse nas adegas, matavam o resto do gado, e partiam os moveis e a louça que teem escapado até agora.

André

Sim. E largavam fogo ás casas.

Monteiro

Mas sentae-vos, homens de Deus, que assim podem vêr-vos lá de fóra. *(Os dois sentam-se.)*

João Braz

(Suspirando.) Quanto tempo durará ainda este inferno?

Monteiro

Faz agora dois annos que marchámos para o cerco do Porto.

André

E um, que fômos para Lisboa.

MONTEIRO

Para ?!... Como se la gente á tivesse entrado !

JOÃO BRAZ

Consolámo-nos em ir dar com os ossos em Santarem e depois no Alemtejo ..

MONTEIRO

Onde a guerra acabou, graças a Deus !

JOÃO BRAZ

A guerra, sim, pois quanto ás marchas...

MONTEIRO

Se a gente tivesse caminhado sempre a direito, estava a estas horas... sei lá onde ! .. na Turquia...

JOÃO BRAZ

Ou na China, que fica logo adeante. Já vi no mappa.

ANDRÉ

E o que teremos ainda para andar !

JOÃO BRAZ

(Levando a mão ao estomago.) Sempre com o estomago pregado ás costas !...

MONTEIRO

(Indo, curvado, espreitar do muro.) Se o jantarinho já ahi vem ?

JOÃO BRAZ

Antes o fizessemos cá.

André

E's doido! Para largar fogo á palha? E descobriam-nos de longe, vendo o fumo sahir.

Monteiro

(Espreitando do muro.) Nada.

André

Tudo gente ruim a do partido que ficou de cima!

João Braz

Olha que o nosso tambem fez cada uma!...

André

Ainda foi pouco! Devia ter acabado com a raça d'esses *negros* do diabo!

João Braz

E não queres que elles agora?...

André

(Irritado.) Vá! Só falta dizeres que fazem bem!

João Braz

(Zangado.) O que digo, alto e bom som, é que nunca matei uma creatura de Deus, a não ser nos combates, onde tambem me arriscava a ser morto.

André

(Levemente intimidado.) Hein? .. Dizes-me isso por via do Matheus?... Não me arrependo de o ter virado. O maior pedreiro livre que havia em Lamellas! .. Tinhamos certas contas antigas, e vae então ajustei-lh'as, quando o apanharam e elle se não quiz dar á prisão.

JOÃO BRAZ

O maior mal não foi para o Matheus. Abriste-lhe a cabeça com a coronha da arma, e deixou logo de penar. Mas a mulher e a filha .. a pequena Zefa... coitadas! ..

ANDRÉ

(Por entre dentes e desviando os olhos.) Importo-me lá!

JOÃO BRAZ

Quando estavamos cercando o Porto, vim á terra por doente... lembras-te?... P'los Santos, faz dois annos A mulher do Matheus, a Julia, morreu por essa occasião, depois de resistir uns poucos de mezes, e a Zefa ficou apatetada... sem dizer coisa com coisa.

ANDRÉ

(De mau modo.) Tambem já não padecem.

JOÃO BRAZ

Valha-te Deus, homem! Nem por teres uma filha, sentes dó ..

ANDRÉ

(Exasperado.) Cala-te, que a Mariquinhas não é p'ra aqui chamada. *(Mostra-lhe o punho fechado.)*

JOÃO BRAZ

(Com firmeza.) Não me mettes medo!

MONTEIRO

(Assustado, indo espreitar ao muro do fundo.) Schio! Vem gente! *(João Braz e André correm para o palheiro, mas voltam logo, ouvindo:)* Ah! E' o senhor padre Manuel de Mello. *(Deitando a cabeça um pouco mais para cima do muro e chamando a meia voz:)* Por aqui, sr. padre Manuel! *(Aos companheiros.)* Não o avistei, porque veiu da banda do pa-

lheiro. E o Braz conheceu-o da vigia... A prova é que não nos deu signal. *(Apparece padre Manuel, olhando para traz, como para certificar-se de que ninguem o segue.)*

SCENA II

OS MESMOS E PADRE MANUEL, *á secular.*

PADRE MANUEL

(Entrando pela abertura que o muro tem no fundo.) Ai! Filhos! Encontro-vos finalmente! A que desgraçados tempos nós chegámos! *(Vae escurecendo lentamente.)*

MONTEIRO

Não encontrou por ahi ninguem, sr. padre Manuel?

PADRE MANUEL

Ninguem que nos queira mal.

MONTEIRO

(Indicando-lhe uma das pedras.) Será melhor sentar-se, que o muro do paul é baixo e não cobre a gente. *(Vão espreitar ao fundo outra vez.)*

PADRE MANUEL

(Sentando-se.) E' aqui então que seccam o trigo, antes de ir a malhar nas eiras?

ANDRÉ

Com o mangoal... E' sim, senhor, e tambem o centeio... nos fins de julho. Lá o milho só vem em outubro.

PADRE MANUEL

(Indicando o palheiro.) E é ahi que teem estado escondidos?

João Braz

Ha seis dias, para salvar a vida.

Padre Manuel

Que ainda hoje correu perigo, não é verdade?

André

De hoje, ainda a gente não sabe nada ao certo.

Padre Manuel

Voltaram os liberaes... que digo eu?... os anti-christos da perdida cidade de Lamego. a percorrer Castro Daire e logares proximos. Escondido n'um casebre, avistei-os quando iam a caminho de Esther.

João Braz

(Aos companheiros.) Que vos dizia eu da tardança do jantar?

Padre Manuel

Sei que vossas mulheres e filhas não vieram, com medo de ensinar aos malditos o caminho. Elles bem lh'o perguntaram. Foram-se na certeza de que não andaes por estes sitios.

Os tres do principio

Seja Deus louvado!

Padre Manuel

Amen!... Repetiram hoje as barbaridades, estragando o trigo, que acharam nas tulhas, partindo moveis... Que raios da colera divina!

André

(Ancioso.) E maltrataram alguem?

PADRE MANOEL

Não. A serva de Deus com quem falei, não o sabia. Tão poucas victimas elles teem feito!

JOÃO BRAZ

Até o sr. abbade de Castro Daire, quando estava dizendo missa na capella de Farejinhas!

MONTEIRO

Varado pelas costas, com uma bala!

PADRE MANUEL

Ao menos morreu em estado de graça.

ANDRÉ

Quem dera a V. Rev.ma morte egual!

PADRE MANUEL

(Receoso.) Credo!..

ANDRÉ

...No caso dos pedreiros livres o apanharem.

PADRE MANUEL

Salvo seja! Pois se tal succedesse, haviam de matar-me? Nunca fui, como o abbade de Castro Daire, acerrimo inimigo do sr. D. Pedro IV.

ANDRÉ

Não o quero desmentir sr. padre Manuel, mas n'aquelle sermão que V. Rev.ma prégou á minha companhia, quando a gente marchou, disse que o imperador do Brazil era peor que um condemnado do inferno.

PADRE MANUEL

Eu! Podia lá dizer isso... de um irmão do sr. D. Miguel!

ANDRÉ

(Emendando) De el-rei!

PADRE MANUEL

Sim, do rei que nós queriamos, mas que a providencia divina desamparou.

ANDRE

Não é razão para a gente o desamparar.

PADRE MANUEL

Pois de certo, mas o que sei é que tambem ando a monte, hoje aqui, ámanhã...

MONTEIRO

(Que espreita do fundo, voltando-se rapidamente.) Escondei-vos! Veem acolá dois vultos! Não pude conhecel-os A claridade já é pouca. *(Todos correm, curvando-se, para a porta do palheiro.)*

JOÃO BRAZ

(Que foi espreitar ao fundo.) Se fossem inimigos, meu irmão tinha dado signal, que para isso está de vigia.

MONTEIRO

Podia já não os enxergar... Entre a palha, ficamos bem escondidos. *(Entra no palheiro.)*

ANDRE

E, com a espingarda em punho, bem guardados. *(Sae atraz de Monteiro.)*

PADRE MANUEL

(Seguindo-os.) **Miserere mei, Deus!** *(João Braz sae por ultimo e cerra a porta.)*

SCENA III

ZEFA, GENOVEVA, DEPOIS OS MESMOS

GENOVEVA

(Entra pela abertura do fundo, agarrada a Zefa, que traz um cestinho na mão.) Ampara-me, cachopa, senão caio. Já não presto para nada, e se não viesses commigo... *(Senta-se n'uma das pedras. Zefa poisa o cesto no chão.)*

ZEFA

Sim, sim... *(Comsigo mesma.)* Se elles se demoram em Esther?... *(Achega a si, de vez em quando, o fatinho esfrangalhado.)*

GENOVEVA

Ahi estás tu a matutar! Por isso te chamam...

ZEFA

(Rindo aparvalhadamente.) A matuta! *(Baixinho, meio a cantar.)* Toda a noite e todo o dia... todo o dia e toda... *(Senta-se á esquerda, no chão, por detraz de uma pedra.)*

GENOVEVA

(Encolhe os hombros, olhando-a com dó, e deita depois a vista em redor de si.) Mas que será dos?...

MONTEIRO

(Que abriu muito subtilmente a porta do palheiro e se certificou.) O' tia Genoveva! .. *(Voltando-se para traz.)* E' a tua mãe, ó João Braz! *(Os quatro tornam para a scena. André traz a espingarda e encosta-a depois junto da porta.)*

João Braz

(Abraçando Genoveva.) Minha rica mãe!...

Monteiro

Não vos seguiram os pedreiros livres?

Genoveva

Sahi depois d'elles do nosso logar, e vim sempre olhando para todos os lados, sem nunca enxergar viv'alma.

João Braz

E como meu irmão Luiz não deu o signal... *(A Genoveva.)* Está de vigia.

Genoveva

Bem o vi, no alto da Portella. Acenou-me para que viesse para aqui.

João Braz

Diz-nos, de quando em quando, se ha ou não ha novidade. *(Sente-se um pio de ave nocturna. Sobresalto nos quatro homens, que ficam escutando.)*

Genoveva

(Baixo.) Ah! E' elle!... *(O padre Manuel refugia-se no palheiro.)*

João Braz

(Socegando, assim como os outros.) Como não repetiu o signal, é que tudo corre bem.

Genoveva

E pode vêr todo o campo?

João Braz

(Indicando a esquerda.) Menos para aquelle lado, mas por ali só cabras... *(A André, que desce do fundo, onde estava com Monteiro.)* E da tua familia, ó André, ainda não vês ninguem?

André

Ninguem. *(Zefa estremece, ao ouvir o nome de André, e espreita anciosa.)*

Genoveva

(Sentada) Não se atrevem, com medo de que elles voltem. O que ainda hoje lá fizeram, Deus de misericordia! Como a uma velha ninguem faz mal, apenas abalaram quiz metter-me ao caminho, que havieis de já estar com fome. Mas não podia vir só e ninguem se afoitava a acompanhar-me .. os homens ainda menos que as mulheres. O que me valeu foi a... A cachopa onde está? Zefa! O' Zefa!

Zefa

(Sem se mover e na costumada cantilena.) Todo o dia e toda a noite... toda a noite e todo o dia...

João Braz

A matuta!

André

(Com voz surda.) A filha do Matheus!...

Zefa

(Cujos olhos despediram um lampejo, ao fixarem-se em André.) Todo o dia e toda a noite... *(Brinca com uma pedrinha.)*

João Braz

Não sei como se fiou... *(Aponta para Zefa.)*

GENOVEVA

(Levanta-se.) E' rija como ferro, e puxou-me bellamente por essa rocha acima. *(Chegando-se a Zefa.)* Então, já estavas melhor?... *(Zefa repelle-a com um movimento de hombros e continua a brincar com as pedrinhas. Genoveva vae buscar o cesto.)*

ANDRÉ

(Que olhou fixamente para Zefa, sem que ella mostrasse dar por isso. Baixo a Genoveva.) A rapariga é maluca?

GENOVEVA

Desde que a mãe faltou. *(Dando o cesto a João Braz.)* Ahi tens o teu jantarinho. *(A André.)* A's vezes está melhor. . uns dias fala com as pessoas como se tivesse entendimento, mas, quando lhe parece, desata n'um chorrilho de baboseiras... *(A João Braz que tem aberto o cesto.)* E' o que pude arranjar. *(Imitando Zefa.)* Todo o dia e toda a noite... Uma parvinha!

ANDRÉ

E serviu-lhe de guia!...

GENOVEVA

De arrimo! A cachopa sabia lá onde estaveis... *(Confirmando.)* Uma tonta.

JOÃO BRAZ

(Que examina o que vem no cesto.) Sim senhor! Menos mau o jantarinho... caldo verde com chouriça... carne de porco assada... Chegae-vos, rapazes, que dá para todos. *(Ajudado por Genoveva, tira a comida para fóra, e á louça, pondo tudo no chão ou sobre os joelhos)* E' verdade! E o Luiz? Tambem já deve estar com uma fominha!...

GENOVEVA

Como me fez aquelle aceno, mandei-lhe lá arriba, pela Zefa, um naco de b'rôa e uma roda de salpicão, e levo-lhe depois o que restar.

João Braz

(Que vasou caldo para um prato.) Sr. padre Manuel...

Padre Manuel

(Que sahiu a medo do palheiro.) Obrigado. Já comi.

João Braz

O' Monteiro!

Monteiro

(Que espreitava do muro do fundo.) Não ha novidade.

João Braz

Não se trata d'isso, homem. Vem comer. *(Dá-lhe o prato. Genoveva enche outro prato.)* O' André...

André

Hein?... *(Não se volta para João Braz porque observa Zefa. Esta, continuando a brincar com as pedrinhas, mette uma na bocca e vae engolil-a, mas engasga-se e deita-a novamente para a mão.)*

João Braz

Anda homem, que o caldo já está quasi frio.

André

(Voltando costas a Zefa como se lhe tivesse passado a desconfiança.) Não, não quero. De casa tambem me hão-de trazer...

João Braz

Deixal-o!... Candeia que vae adeante, allumia duas vezes *(Dá-lhe o prato.)* Descança, que ha para todos. *(Os homens sentam-se no chão, á direita, e vão comendo. Genoveva senta-se n'uma pedra ao centro e vae distribuindo a comida juntamente com João Braz.)*

Zefa

(Comsigo mesma, a brincar com uma pedrinha.) Ai!... Quando o vi, cuidei que me fugia outra vez o juizo. *(Quer olhar para o lado onde está André mas não póde.)* Não. Não posso olhar para elle... Mas já o fiquei conhecendo... O que a mãe dizia... «Teu pae foi morto pelo André...» *(Enternecida.)* Meu pae! Tão bom!... Os beijos que elle me dava!.. E o ultimo que eu... Estava frio... encharcadinho em sangue. Foi aquella malvá... *(Olha com grande aversão para André, que não dá por isto. e desvia logo a vista, disfarçando com a pedrinha.)* Mas apanhei-o aqui... apanhei-o! *(Enternecendo-se outra vez.)* E a minha rica mãe... chorou... chorou todo o dia e toda a noite .. *(Na melopéa costumada, ja com o fito de disfarçar, já obedecendo á allucinação.)* toda a noite e todo o dia... *(Suffoca-se em lagrimas.)*

André

(Que tem comido menos que os outros.) Que diabo está ella a resmungar?

Genoveva

A cantilena do costume .. E ainda hoje não é nada... *(A João Braz.)* Então que tempo tencionas demorar-te aqui?

João Braz

Sabe-o Deus. Pode ser que mesmo esta noite se tenha de abalar para melhor poiso. *(Zefa estremece e escuta.)*

André

E qual é melhor? Em outro, mais depressa nos descobrem.

Monteiro

Se fugissemos para Hespanha?...

André

E lá?... Morria-se de fome.

João Braz

Aqui tem-se a familia e os amigos para valerem á gente.

André

E não tarda que os malhados, que nos querem mal se esqueçam do que é passado.

Zefa

(Que se levantou, estremece á palavra «esqueçam». Comsigo:) Esquecer!.. *(Para dissimular, deixa cahir uma pedrinha.)*

Genoveva

(Voltando-se, assim como os outros.) Que foi?

Zefa

(Apanhando a pedrinha.) A pedrinha... Já a apanhei... *(Continuando a brincar com a pedra.)* Todo o dia e toda a noite...

André

(Por entre dentes.) Estupida!

Padre Manuel

Quos vult perdere Jupiter, prius dementat... *(Comendo.)* Admiravel salpicão!

André

E o sr. padre Manuel a dizer que não queria! *(Ri.)*

Padre Manuel

Foi o cheiro... A carne é fraca!

André

Se a minha Mariquinhas tambem me trouxer a comida, quero que o sr. padre Manuel me acompanhe.

Padre Manuel

Talvez, talvez. O comer e o coçar...

Zefa

(Levanta-se.) Antes de fugires, hão de os...

Genoveva

Onde vaes, Zefa?

Zefa

Arranjar uma pedrinha como esta, para brincar .. todo o dia e toda a...

Genoveva

Olha que sem ti não posso voltar para casa. Bem sei que para baixo todos os santos ajudam, mas. .

Zefa

Sim, vou com a tia. Toda a noite e todo... *(Sae.)*

SCENA IV

Os mesmos, excepto ZEFA

Padre Manuel

E' celebre! Já me sinto de melhores humores, sem aquellas negras ideias...

André

Foi da comida. Para transtornar a cabeça de uma pessoa, não ha nada como o jejum.

Padre Manuel

Menos o que se cumpre por penitencia.

João Braz

(Rindo.) Esse ainda é peior.

Padre Manuel

Que heresia, homem de Deus!

Genoveva

(Benzendo-se.) Credo, filho! Por teres andado na guerra contra os malhados, tambem ficarias pedreiro livre?

João Braz

O filho de meu pae?... Veja vocemecê... São ainda os bentinhos que Frei Cosme das Cinco Chagas me deitou ao pescoço, quando o nosso batalhão abalou para o Porto.

Genoveva

Ahi tens porque nunca foste ferido.

André

Historias da vida! Meu irmão levava o dobro d'isso, e logo no primeiro combate em que entrou foi varado com uma bala, que o mandou para os anjinhos.

Padre Manuel

Talvez fosse falto de devoção, como tu!

André

Isso sim! Confessava-se todas as semanas.

Padre Manuel

Morreu pela santa causa. Está entre os bemaventurados!

André

Entre os vivos sempre estaria melhor, principalmente se tivesse para comer este bello salpicão.

PADRE MANUEL

Basta de blasfemias!

ANDRÉ

Pois V. Rev.ma não mostrou ainda agora poucos desejos de ir para o ceo?

PADRE MANUEL

Porque não tinha a certeza de lá entrar.

ANDRÉ

Como tambem morria pela santa causa...

PADRE MANUEL

Disse muito bem, sr.a Genoveva... Estes infelizes, do seu contacto com os réprobos, trouxeram a gafeira da impiedade. Precisam de exorcismos.

MONTEIRO

(Com a bocca cheia) Menos eu, sr. padre Manuel. Não disse nada.

PADBE MANUEL

A gula é peccado mortal.

GENOVEVA

Bem! Deixae-me ir com Deus Nosso Senhor, que não quero andar por esses montes depois de noite cerrada.

JOÃO BRAZ

(Ajudando a metter a loiça no cesto.) Ha luar, minha mãe.

GENOVEVA

E ainda vou ao teu irmão. *(chamando.)* Zefa! O' Zefa!

Esqueci-me da cachopa e como não é segura do miolo... Zefa!...

João Braz

Andará por 'hi a escarreirar.

André

(*Preoccupado.*) Hein! Então ella sumiu-se!

Genoveva

(*Lembrando-se de repente*) E' capaz de ter ido juntar-se (*a João Braz*) com teu irmão. Como já lá a mandei.

João Braz

Deve ser isso, deve. Olhe, mãe, eu acompanho-a até lá. (*Tira-lhe o cesto da mão*) De-me isso. Já posso sahir d'aqui. Não ha claridade de dia, e a lua por ora allumia pouco. (*Tem chegado á abertura do fundo e recua assustado.*) Oh! Vem acolá um vulto. (*Sobresalto em todos. Alguns fogem para o palheiro. André lança mão da espingarda.—Espreita do muro do fundo*) Esperae! Esperae! Que parvoice a minha! E' uma raparigota. A Zefa, certamente. (*Grito de ave fóra — Espectação*) Um só. Não ha perigo.

André

(*Que tambem foi espreitar*) E' uma cachopa, é. Ah! E' a Mariquinhas! A minha querida filha! (*Chamando para fóra.*) Mariquinhas! Estou aqui!

SCENA V

Os mesmos e MARIQUINHAS

Mariquinhas

(*Entrando pela abertura que o muro tem ao fundo. Veste pobremente e traz um cesto na mão, com a comida. Tem apparencia de pouca saude.*) Meu pae! (*Abraça André e beija-lhe*

a mão. Beija tambem a mão a Padre Manuel. A André) Que medo com que eu vinha de já não o encontrar aqui!

ANDRÉ

Porquê?

MARIQUINHAS

Podia ter fugido. Soube, por força, que voltaram hoje aquelles homens de Lamego...

ANDRÉ

Os malhados... Soube.

PADRE MANUEL

E já se foram?

MARIQUINHAS

De Lamellas, já sim, sr. padre Manuel. Que maldades por lá fizeram!

ANDRÉ

Em nossa casa?

MARIQUINHAS

Não, senhor. Quando entraram no eirado, minha mãe deitou-se de joelhos aos pés de um que ia na frente, chorando muito e com o meu irmão mais mocinho nos braços. E vae elle então condoeu se e fez com que todos se fossem embora. E' por isso que eu pude trazer-lhe... (*Mostra o cesto.*)

PADRE MANUEL

E não te seguiram, os mafarricos?

MARIQUINHAS

Sahi do logar muito depois d'elles e cheguei aqui felizmente, sem encontrar ninguem.

MONTEIRO

(Que ia tropeçando na espingarda, que ficara ao pé da porta) De quem é?

ANDRÉ

Minha. Vou pol-a lá dentro *(Pega na espingarda e entra no palheiro).*

GENOVEVA

Não viste a Zefa aqui perto?

MARIQUINHAS

Ninguem... só avistei, mas muito longe de cá, um vulto correndo para os lados de Esther. Fiquei em duvida se era gente ou algum animal. Pensei até que fosse um lobishomem! *(Benze-se.)*

JOÃO BRAZ

Creia, minha mãe, a Zefa foi ter com meu irmão. Venha.

GENOVEVA

Se a maluquita voltar, dize-lhe onde estou. Em ultimo caso, vou para baixo comtigo, Mariquinhas. *(Sae pelo fundo, precedida por João Braz. André tęm voltado do palheiro.)*

SCENA VI

OS MESMOS MENOS JOÃO BRAZ E GENOVEVA

ANDRÉ

(A Mariquinhas.) Ainda venho a scismar no... Tua mãe ajoelhar aos pés dos pedreiros livres!

PADRE MANUEL

E' o mesmo que ajoelhar deante de Satanaz!

MARIQUINHAS

Se a afflicção era tanta! *(Abre o cesto.)*

ANDRÉ

Cães! Se eu lá estivesse!...

MARIQUINHAS

Matavam-n'o e não deixavam pedra sobre pedra. *(Ajoelha, tirando para fóra o que trazia no cesto.)* Ande, pae, que a sopa já deve estar quasi fria.

ANDRÉ

Venha, sr. padre Manuel. E tu, ó Monteiro. *(A Mariquinhas.)* Que trazes aqui?

MARIQUINHAS

O que se poude arranjar. Um caldo de cebola temperado com unto, umas sardinhas cochadas, b'roa... *(Padre Manuel que se tinha chegado, torce o nariz, com desapontamento. André serve a comida, ajudado por Mariquinhas, que se senta.)*

PADRE MANUEL

Cá por mim não quero nada, meu André. Já tinha comido e como provei do jantar do João Braz... Vou ver agora se durmo. Não preguei olho a noite passada, com uma dôr de dentes e a pensar nos pedreiros livres. *(A porta do palheiro, para Monteiro, que o seguiu.)* A cama é fofinha?

MONTEIRO

O ponto é remexer bem a palha.

ANDRÉ

(A Monteiro.) Tambem não queres nada?

MONTEIRO

Só se fôr uma sardinha

ANDRÉ

(Arranjando-lhe o quinhão.) Sobre um pedaço de b'rôa.

PADRE MANUEL

(Da porta do palheiro.) Quem fica de atalaya?

ANDRÉ

(Como acima.) Agora está o Luiz Braz. O João, que foi para lá, rende-o certamente, e depois vou eu.

PADRE MANUEL

Muito bem Ficae-vos na paz do Senhor. *(Sae seguido por Monteiro, a quem André deu a sardinha e o pedaço de boroa.)*

SCENA VII

ANDRÉ E MARIQUINHAS

MARIQUINHAS

Ainda bem que se foram, para comer á sua vontade.

ANDRÉ

Mas primeiro... *(Agarra-lhe a cabeça com ambas as mãos e olha-a fixamente; depois beija-a muito.)* Minha rica filha, meu amor!... Ah!... Agora estou satisfeito...

MARIQUINHAS

Mas ainda não comeu nada. Beijos não sustentam. *(Obriga-o a sentar-se e a comer.)*

André

E' que nunca te vejo. Bem sabes que não sou muito para ternuras, mas...

Mariquinhas

Soffre? E então eu?... Coisas que penso longe do pae! «Onde estará agora? Aconteceu-lhe algum mal?». e acredito sempre o peor... que um d'aquelles homens... *(Tapando os olhos.)* Se chego até a vel-o!... Nem me quero lembrar. E os sonhos, de noite, quando posso dormir!?.. Cheios de afflicções.. pesadelos!... Acordo de repente e no meio da escuridão parece-me ver vultos a mexerem-se, a luctar... Affirmo-me. Não vejo nada. Esfrio como defuncta. De repente ouço como um grito que viesse de muito longe . e é tal qual a sua voz. *(Ajoelha.)* Ergo-me sobre o cotovelo, vou gritar, mas calo-me, para não assustar a mãe e escuto melhor. Já não ouço nada. *(Senta-se.)* Ennovello-me para um cantinho da cama, com os olhos muito apertados, as mãos a tapar os ouvidos, n'uma grande tremura, pensando que vou enlouquecer como a Zefa!

André

(Que a meio da falla precedente, parou de comer, levanta-se com impeto). Não me fales n'esse diabo!

Mariquinhas

(Levanta-se, olha com medo para o pae, adivinha o que lhe motivou aquelle desabrimento e baixa os olhos tristemente.) Ah!... *(Luar.)*

Andre

(Olha-a e tambem lhe comprehende a intenção.) Matei-lhe o pae, é verdade. Sei lá como foi aquillo! Parecia que o demonio me tinha entrado cá dentro. Desde que principiou essa maldita guerra, tornei-me assim. Respira-se a furia de matar. Já deves ter visto uma briga de cães. Estão dois, raivosos, mordendo-se, despedaçando-se. Chega um terceiro, não tem zanga a nenhum, mas cresce logo para elles, engalfinha-se no primeiro que apanha, mette-lhe nas guelas a dentuça muito branca e afiada, abana-o, esfrangalha-o, e deixa-o afinal estendido no chão, a gol-

far sangue. Porque fez isto? .. Outro tanto succedeu commigo, quando matei o pae da...

MARIQUINHAS

(*Abraçando-se a André.*) Ah! Eu tinha a certeza! Só estando louco seria capaz de...

ANDRÉ

(*A meia voz*) A filha veiu ahi. Nunca me tinha visto no logar, as vezes que fui lá de fugida, e fincou em mim uns olhos .. Estás bem certa de que ella é doida?

MARIQUINHAS

A Zefa?... No começo davam-lhe uns ataques muito fortes, mas depois melhorou Agora está outra vez peior, mais tontinha. Mettia-me tanta pena por ser... (*Hesita e emenda o que ia dizer.*) por ser quasi da minha edade, (*André franze os sobrolhos, mas contem-se.*) que sempre que podia, lhe dava alguma coisinha de comer. Deitava-me uns olhos... muito abertos, arregalados, e acceitava. Mas, depois quando melhorou, já não queria, e até fugia de mim.

ANDRÉ

(*Sobresaltado.*) Ah! Tinha-lhe voltado o juizo?

MARIQUINHAS

Foi só uns mezes, e não seria de todo. Tempo depois, quando acabou a guerra e foram tornando os que por lá andaram, emaluqueceu outra vez e continua a dizer coisas que não se entendem.

ANDRÉ

Mas veiu com a tia Genoveva.

MARIQUINHAS

Para lhe servir de bordão. Faz tudo á tôa Quando abalaram, ainda eu não me atrevi a vir, nem tinha prompto o jantar .. de que o pae não gostou. Pois fui eu que o fiz. Ande! Venha acabar de comer.

André

(Sentando-se e continuando a comer.) Estás uma cozinheira de mão cheia *(Pausa, durante a qual continua a comer.)* Ora escuta: ha bocado querias-me dizer uma coisa e disseste outra.

Mariquinhas

Eu? Mas coma Pode-se comer e falar ao mesmo tempo.

André

Querias dizer que a Zefa ainda te mettia mais dó, por ter sido eu que... *(Pára de comer, como se tivesse um nó na garganta. Guarda tudo á pressa no cesto.)*

Mariquinhas

Não, não era isso. *(Zefa apparece á esquerda surrateiramente, de olhos esgaziados e fica espreitando e escutando na abertura d'aquelle lado.)* Já disse que tinha muito dó da pobre pequena, pensando no que seria de mim, se tambem matassem o meu pae... *(Abraçando-se a André, com ternura.)* o meu rico pae, que é tão bom para nós!... Vivo n'esta cosumição porque quasi nunca o vejo, mas se o perdesse para sempre... A Zefa enlouqueceu, coitadita, mas eu cá morria logo, estalava de paixão! *(Aconchega-se ao seio do pae, n'um froxo de lagrimas.)*

SCENA VIII

Os mesmos e ZEFA

Zefa

(Olha para traz de si e approxima-se rapidamente dos dois, pelo lado de Mariquinhas. Muito commovida, gaguejando um pouco.) Devéras, tu morrias?

André e Mariquinhas

Ah! *(Erguem-se de chofre. André dá um passo para o*

palheiro onde tem a espingarda, mas dissuade-se e colloca-se deante da filha, escudando-a com o corpo.)

ZEFA

Não tenhas medo, Mariquinhas. Sou eu. *(Com voz profunda.)* Sim, morrias, não tinhas a força que...

ANDRÉ

(Baixo a Mariquinhas.) Vês?... Não está doida!

ZEFA

(Que ouviu.) Estive, por tua causa.

MARIQUINHAS

(Com um gesto de supplica.) Zefa!...

ZEFA

Foste sempre boa para mim, apesar de seres filha de um... Não! Não has de morrer! *(Corre a escutar e a espreitar do sitio por onde entrou.)*

MARIQUINHAS

Que estás escutando?

ZEFA

Se já vinham ahi os de Lamego. Fui chamal-os, a correr.

ANDRÉ

Tu dizes?!

ZEFA

Só vi um... tinha ficado para traz. Primeiro julgou que eu o queria enganar, mas afinal foi buscar os outros, emquanto eu vinha ver se ainda cá estaveis e vos podiam apanhar a todos.

ANDRÉ

Quererás tu metter-me medo para te vingares?.. *(Corre a espreitar do muro do fundo.)*

ZEFA

Não vem d'ahi, por môr do vigia.

MARIQUINHAS

Dize por onde é que!...

ZEFA

(Socegando-a.) Não chegam cá tão depressa, se eu não lhes fôr ensinar o caminho.

ANDRÉ

Primeiro te faço em estilhas!...

ZEFA

Ah! Sim? Antes que eu grite por elles?... *(Ri convulsivamente.)*

MARIQUINHAS

(Segurando o pae, que ia a avançar para a outra.) Zefa! .. *(A André.)* Ella teve dó de mim e arrependeu-se.

ANDRÉ

Mas depois de fazer o mal. *(Deixa de haver claridade da lua.)*

ZEFA

(Com a voz suffocada e revirando ja um pouco os olhos. E' o principio de um ataque hysterico.) E o que tu fizeste!? Não te perdôo! Não era elle que devia morrer, eras tu .. todo o dia .. toda a noi...

André

(Ao mesmo tempo que Zefa resmonéa o estribilho.) Acabe-se com isto!

Mariquinhas

(Cobrindo Zefa com o corpo.) Perde-nos a todos. *(A Zefa.)* Assim tens compaixão de mim?

Zefa

Não posso. Tambem elle não teve de... *(Bate freneticamente no peito, contorcendo-se.)*

Mariquinhas

Não percas um instante. Queres que eu vá penar como tu, Zefa?

Zefa

(De olhos fitos) E meu pae! Lá cahiu... cheio de sangue... *(A André.)* Ai! Não o mates... pelo amor de Deus!

Mariquinhas

(Abraçando-a e impedindo-a de ver André.) Não o vejas! Olha só para mim.

André

Será d'este lado que?... *(Vae rapidamente ao muro da esquerda, espreitar para fóra,)*

Mariquinhas

Nunca te fiz mal, Zefa! *(Beija-a, chorando muito.)*

Zefa

Beijas-me! Ninguem, ha tanto tempo!...

MARIQUINHAS

(Beijando-a outra vez.) Como se fosse tua irmã.

ZEFA

(Vendo André, que de novo vae espreitar ao fundo.) Não! Não! *(Estende para elle o braço hirto.)*

MARIQUINHAS

E' muito bom para mim, Estava doido quando ...

ZEFA

Doida como eu... toda a noite...

ANDRÉ

E elles que não sabem de nada! *(Entra no palheiro.)*

MARIQUINHAS

(Ajoelha no auge de afflição.) Zefa! .. Queres matar a tua irmã? *(Beijando-a.)* Dize! Por onde podemos fugir?

ZEFA

(Que serenou um pouco e fixa os olhos nos de Mariquinhas.) Hein!... Ah!... Elles veem ahi, os malhados. E' o que recommendei ao tal... um chamado João Pereira... Muito mau caminho... talvez esperem que eu os vá buscar. *(Apontando para a direita fundo.)* Foge por ali, depressa!... *(Monteiro, André e o Padre Manuel entram pela porta do palheiro, rapida e subtilmente. Os dois primeiros trazem espingardas. Monteiro e o padre ainda veem mal despertos e parecem estarrecidos de medo.)* Talvez os de Lamego vos não enxerguem. Fico para demoral-os.

MARIQUINHAS

Deus t'o pague, Zefa! *(Vendo André e correndo para elle.)* Vamos! Por aqui!... *(Leva-o comsigo pela abertura do muro do fundo, e sahem todos precipitadamente para a direita fundo, deixando Zefa sósinha.)*

ZEFA

(Ao dar com os olhos em André.) Ah! Elle matou meu pae e eu... Não quero!... *(Corre para o muro da esquerda. Quer dar um grito, mas a voz estrangula-se-lhe na garganta. Cae amparada ao muro, murmurando com voz dilacerante:)* Todo o dia, toda a noite... *(Quer andar mas torna a cahir, e rebola-se pelo chão aos gritos e contorsões.)*

SCENA IX E ULTIMA

ZEFA, JOÃO PERFIRA E UNS SETE OU OITO LIBERAES DE LAMEGO

JOÃO PEREIRA

(Entra pela abertura do muro da esquerda, com a espingarda prompta a desfechar. Reconhecendo Zefa.) Ah! E' a rapariga. *(Os outros liberaes de Lamego entram pelo mesmo sitio. São paisanos armados com espingardas e clavinas. Algumas das espingardas teem bayonetas, e á cinta de alguns pendem espadas de diversos padrões.)* Que diabo tens tu? Levanta te! *(Aos outros.)* Procurae tudo! Se resistirem, fogo sobre elles! *(Os liberaes dispersam-se pela scena, indo uns observar ao muro, que rodeia o paul, e outros á porta do palheiro, onde a final entram quasi todos, avançando na frente os que teem bayoneta na espingarda.—A Zefa.)* Ouviste? Levanta-te! Porque não nos foste chamar?... Vá! Basta de trejeitos! *(Dá-lhe com o pé para obrigal-a a erguer-se. Zefa estorce-se convulsivamente.)* Já os não encontraste?

1.º LIBERAL

(Voltando do palheiro.) Não está ninguem, João Pereira.

JOÃO PEREIRA

Tens a certeza?

1.º LIBERAL

Olá! Esfuracou-se toda a palha com as bayonetas e nenhuma veiu molhada.

JOÃO PEREIRA

E esta mondonga que não fala!...

2.º LIBERAL

(Que encontrou o cesto de André.) Um cesto com comida... *(Alguns espreitam ao fundo com as armas aperradas.)*

JOÃO PEREIRA

(Que ajudado por outro quer levantar a Zepha e o consegue por fim.) Leva arriba! Já não os encontraste? Para onde foram esses burros do inferno?

ZEFA

Eu!... Ai! Todo o dia e toda a noite...

JOÃO PEREIRA

(Sacodindo-a) Quererás tu caçoar com a gente, com os liberaes de Lamego! Eu disse que te matava se me enganasses!

1.º LIBERAL

Enganou... Os caipiras estavam aqui. Ainda senti quente a palha, onde se tinham deitado.

JOÃO PEREIRA

Tu ouves? Será uma cilada que nos armaste? *(Zefa cae sentada sobre uma pedra.)*

TODOS

(Com alvoroço.) E' isso! E' isso!

JOÃO PEREIRA

Deste-lhes algum aviso? Responde, ou mato-te!

ZEFA

(*Com voz plangente.*) Para ella não soffrer... Bei
me... a minha irmã!

JOÃO PEREIRA

Mentes! (*Aos outros.*) E' um laço. De certo são mui
Do logar por onde viemos, melhor nos poderemos de
der. Vamos! *(Sahem de tropel pela esquerda, indo João
reira novamente espreitar ao fundo com a espingarda pr
pta para fazer fogo.)*

ZEFA

Espera! Eu digo! Se elle matou meu pae!...

JOÃO PEREIRA

Ah! Queres-nos demorar? *(Disparando da esque
contra Zefa, que corria para elle.)* Ahi tens! Já te não fi
a rir de mim *(Desapparece pela esquerda.)*

ZEFA

(*Cahindo.*) Ai! Eu queria morrer! Ha que tempos m
pae estava a chamar por mim... todo o dia... tod
noite!... *(Expira. Desce o panno.)*

FIM